

Grafite como veículo folkcomunicação na cultura urbana e underground na cidade de Manaus/AM

Ester da Silva, CONCEIÇÃO¹

Mayson Julio Gomes, NOGUEIRA²

Maria Clara Ferreira, RENDEIRO³

Filipe Duarte, DUARTE⁴

Luís Fernando Oliveira de, CASTRO⁵

Larissa Gemaque de, OLIVEIRA⁶

Ayla Milena de Souza, ARAÚJO⁷

Gabriel Ferreira FRAGATA⁸

Gleilson MEDINS⁹

Resumo

Este artigo explora o grafite como uma manifestação cultural urbana e um veículo folkcomunicação em Manaus, com foco nos grupos urbanos marginalizados. Baseado nos estudos de Luiz Beltrão (1980) e outros autores, o estudo analisa como o grafite serve como ferramenta de resistência, identidade e denúncia social, utilizando os espaços urbanos, como

¹ Ester da Silva Conceição, discente do sétimo período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

² Mayson Julio Gomes Nogueira, discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

³ Maria Clara Ferreira Rendeiro, discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁴ Filipe Duarte Bezerra, discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁵ Luís Fernando Oliveira de Castro, discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁶ Larissa Gemaque de Oliveira, discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁷ Ayla Milena de Souza Araújo, discente terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁸ Doutorando em Comunicação, Cultura e Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA-Ufam), Diretor Regional Norte da Rede Folkcom, Professor substituto do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC-Ufam), Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokano-Ufam). Orientador do trabalho.

⁹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokano/UFAM) e do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Imaginário (Imaginalis/UFRGS). Coordenador de Comunicação e Técnico Audiovisual da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da UFAM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4104-5507>. E mail: gleilsonmedins@ufam.edu.br. Orientador do trabalho.

muros. O grafite é abordado nos estudos da Folkcomunicação, que destaca a criação de uma linguagem própria para grupos excluídos. A pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa, com ênfase na etnografia, para estudar os bairros manauaras e identificar líderes folkcomunicacionais. O estudo é exploratório e visa entender como o grafite se torna um mecanismo de expressão e protesto simbólico nas áreas marginalizadas de Manaus, refletindo a cultura underground e o subgênero político-ativista.

Palavras-chave: Grafite; Folkcomunicação; Marginalizados; Cultura Underground.

Introdução

O grafite, expressado de forma artística subversiva nos viadutos da cidade de Manaus, capital do Amazonas, antes “limpos”, suscita diferentes reações dos passantes, entre curiosidades e críticas, principalmente quando essas inscrições são feitas em locais privados. Entretanto, essa manifestação cultural urbana e contemporânea carrega uma dupla interpretação para além da estética visual, pois seu sentido não é evidente à primeira vista, mas se constrói a partir da resistência, identidade e denúncia social, sendo essa sua comunicação provocativa à sociedade.

Na Folkcomunicação, teoria genuinamente brasileira criada por Luis Beltrão (1980), o grafite criou seu próprio vocabulário e sua linguagem, usando aquilo que tem à disposição, como os muros. Por outro lado, a sociedade sob o senso comum enxerga esse grupo como “marginais”. Essa forma de comunicação popular, muitas vezes, não é compreendida pela massa, surgindo, assim, a necessidade de uma linguagem específica desses grupos. Diferente da mídia tradicional, que transmite sua mensagem a várias camadas da sociedade, na Folkcomunicação (Beltrão 2007) cada grupo desenvolve sua própria linguagem e utiliza os meios disponíveis para se expressar, refletindo seu modo de vida, aspirações pessoais, coletivas e opiniões.

Nesse sentido, somente quem compartilha dos mesmos referenciais culturais do grafite entende a profundidade da sua mensagem, para os outros, é apenas ruído. À luz dos estudos de Beltrão (1980) os grafiteiros compõem os grupos urbanos marginalizados. Segundo o autor, esses grupos são formados por pessoas que vivem nas camadas mais pobres da sociedade, com pouca assistência, informação e quase nenhum acesso aos meios de comunicação (Beltrão, 1980, p. 55), portanto, utilizam-se de manifestações socioculturais e religiosas para se comunicarem, como por exemplo, é o caso do grafite.

A justificativa do estudo se dá pelo fato desse grupo não se adequar ou sequer ter espaço nos meios de comunicação tradicionais, e por isso buscam na arte grafiteira

alternativas para se expressar. A partir dos anos 1960, artistas começaram a romper com os espaços convencionais, como museus e galerias, e passaram a explorar territórios urbanos (BLAUTH, 2012, p. 147).

Diante disso, o objetivo inicial da pesquisa é analisar o grafite como veículo folkcomunicação dos grupos urbanos marginalizados (político-ativistas) na cidade de Manaus sendo uma comunicação autêntica dessa camada popular, para contar histórias, problemas sociais, questões políticas e expressões culturais. Com base nos estudos da folkcomunicação, será possível aprofundar a análise sobre a construção de sentidos do grafite e a forma como ele contribui para a resistência, adentrando sua correlação com a cultura underground e com o subgênero político-ativista, estudando as ferramentas que os grafiteiros usam para comunicar suas mensagens, o que é essencial para os grupos urbanos que estão à margem dos meios tradicionais de comunicação.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste em diversos aspectos para alcançar o seu objetivo principal, o qual visa compreender o grafite como um veículo folkcomunicação na cidade de Manaus. É realizada uma revisão bibliográfica sobre folkcomunicação, ancorada nas obras de Luiz Beltrão (1980), bem como autores que tratam desta teoria e o grafite, diante da importância que esta arte urbana possui como objeto de comunicação dos marginalizados da sociedade, entre eles estão Amphiló (2011) e Castro e Gamba Junior (2018). O trabalho também aborda sobre a cultura *underground* em suas características e como ela está presente cotidianamente na mídia, utilizando como principal referência os estudos de Andréa Maia (2014).

Partindo de conceitos metodológicos de Prodanov e Freitas (2013) a natureza será básica, que consiste em verdades e interesses, buscando gerar novos conhecimentos para o avanço de estudos, sem aplicação prática prevista. Ademais, neste trabalho será aplicada uma das metodologias propostas por Fernandes, Pinheiro e Martins (2013) para pesquisas folkcomunicacionais, o método científico materialista-dialético (marxista). Este método possui a capacidade de analisar o grafite como o produto de uma realidade social contraditória, da comunicação popular enraizada em disputas de poder e de um local onde prevalecem as diferenças e lutas sociais. A dialética que compõe este método nos fornece a base de uma interpretação dinâmica e social da realidade estudada, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, pois são intrinsecamente influenciados pela política, economia e a cultura que os envolve.

A partir desta perspectiva, ainda seguindo os estudos de Prodanov e Freitas (2013), o procedimento técnico se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, onde o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados. Entretanto, ao decorrer do estudo uma de suas vertentes de pesquisa se destaca, a etnografia, a qual tem como foco entender a cultura de comunidades e grupos sociais, com base no envolvimento e na inclusão do observador no processo. Sendo um método específico de coleta de dados, a pesquisa etnográfica possui outros modos de fazer pesquisa qualitativa, entre eles incluem: pesquisa de campo, conduzida no local em que o grupo estudado convive e socializa; multifatorial, uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados, como entrevistas semi-estruturadas (BARROS; DUARTE, 2005); indutivo, realizando um acúmulo descritivo de detalhe da realidade estudada; e holístico, construindo um retrato mais completo possível do grupo em estudo.

Por fim, o estudo tem caráter exploratório, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele, especialmente no caso do tema proposto, onde se busca relatar sobre o grafismo nas áreas marginalizadas de Manaus para abordar como ele se torna um mecanismo que comunica a realidade do grupo social que vive no local.

REFERENCIAL TEÓRICO

O grafite como expressão urbana cultural parte do preceito da Folkcomunicação de Luiz Beltrão (1980) usada pelas camadas marginalizadas da sociedade, que comunicam essa expressão popular fora dos meios tradicionais. A proposta dos estudos de Folkcomunicação ao grafite não é apenas fazer um registro da sua manifestação, mas aprofundar em seu papel social que dá vozes aos marginalizados. Segundo Castro e Gamba Junior (2018, p. 300), tanto no grafite quanto em outras formas de expressão urbana, há uma clara intenção dos grupos em demonstrar inconformidade com o poder público, realizando um protesto simbólico, sem violência física, mas repleto de confrontos simbólicos. A Folkcomunicação, portanto, deve ser entendida como um campo transdisciplinar, que exige do pesquisador um esforço para conciliar teoria e prática, tradição e contemporaneidade, forma e conteúdo (AMPHILO, 2011).

Partindo do pressuposto de que o grafite integra os modos de expressão de grupos culturalmente marginalizados, é possível associá-lo à cultura underground, que, segundo Maia (2014, p. 44), no que tange ao comportamento, se assemelha ao *modus operandi* de

muitos agrupamentos que fazem parte da cultura underground. Tanto os grafiteiros quanto os adeptos da cultura underground se posicionam à margem dos padrões sociais estabelecidos, e, por isso, costumam receber o mesmo tratamento da sociedade: são rejeitados pela cultura dominante. Dada a estabilidade da cultura underground no grafite, destacamos as três classificações ressaltadas por Maia, a partir dos estudos da Folkcomunicação:

Os adeptos da cultura underground se enquadram nos três subgêneros dos grupos culturalmente marginalizados da folkcomunicação, em virtude da diversidade e amplitude, sobretudo por abranger inúmeras expressões da contracultura. O subgênero messiânico [...] o subgênero político-ativista [...] o subgênero erótico-pornográfico [...] conforme argumenta Maia (2014, p. 44-45)

O grafite se encaixa no subgênero político-ativista, conforme nos apresenta Beltrão, sobretudo por se manifestarem de forma subversiva, contra a ordem estabelecida, a cultura hegemônica. Segundo Baldin e Cherem (2020, p. 210), o grafite com temas políticos é uma forma de ativismo político de nível micro, utilizado por aqueles que não acreditam que a política convencional possa gerar mudanças significativas (WALDNER; DOBRATZ, 2013, p. 387 apud LI; PRASAD, 2018, p. 4). Dessa forma Beltrão (1980, p. 103-104) classifica o subgênero político ativista como uma representação tanto na manutenção das estruturas de dominação quanto uma tentativa de ruptura com a ordem política e social vigente. Portanto, ao integrar o grafite na cultura underground e a sua atuação como subgênero político-ativista, o grafite se posiciona com um conjunto de ferramentas como a arte, política e comunicação. Considera-se, então, que compreendê-lo dentro da perspectiva da Folkcomunicação é uma forma de ver a sua construção de sentidos na disputa por espaços de visibilidade.

GRAFITE COMO MANIFESTAÇÃO DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Consideramos as periferias da cidade de Manaus como objeto de estudo para correlacionar o aporte teórico com a prática. Para obter os primeiros resultados da análise, realizamos o registro fotográfico de grafites nas ruas da cidade. Dentre essas imagens, duas foram selecionadas para a primeira etapa do estudo. Após discussão com o grupo, escolhemos aquelas que melhor representavam a cultura underground e os conceitos da Folkcomunicação propostos por Luiz Beltrão. Na seleção final, foi escolhida uma imagem registrada nos muros da Avenida Constantino Nery, uma das vias mais movimentadas de Manaus, em um ponto onde o grafite divide espaço com uma pichação, e outra em um prédio no centro da capital amazonense.



Figura 1 – Grafite registrado na Avenida Constantino Nery, Manaus/AM.
Fonte: Acervo pessoal de Ester da Silva (2025).

A imagem selecionada, pode ser vista como uma ferramenta de ativismo político urbano, por conter um retrato humano em seu destaque visual. Essa presença é uma figura real dos grupos marginalizados, que representa uma vítima de violência ou um líder local, reforça a ideia de que o muro se torna o meio de denúncia. Segundo Luiz Beltrão (1980, p. 227) os muros funcionam como espaços de expressão para emissores livres e anônimos, que, por não terem acesso a meios gráficos mais sofisticados, utilizam a arte urbana como forma de comunicação direta com a população. A imagem acima pode ser interpretada como uma manifestação simbólica por ocupar um espaço frequentemente negligenciado pelo poder público. Contudo, representa um ato político, pois rompe com a lógica da invisibilidade imposta aos grupos marginalizados urbanos.

A imagem do grafite, cuja autoria não é confirmada, remete à ideia de anonimato e resistência coletiva. Apesar de haver um nome ao lado, não se pode afirmar com certeza se pertence à pessoa que o produziu ou a alguém que apenas pichou o muro próximo a ele. Essa indefinição autoral reforça o caráter anônimo da obra, conforme destaca Khoury (2001, p.277) assim como o subcomandante, que se mantém sem identidade revelada, o anonimato evita que o foco fique em uma única liderança e protege o movimento de ataques direcionados a uma pessoa só.



Figura 2 – Grafite registrado na Rua Floriano Peixoto, Centro Histórico de Manaus.
Fonte: Acervo pessoal de Ester da Silva (2025).

Partindo para fora da periferia, o grafite também se mostra presente em locais mais movimentados e conhecidos, como o centro histórico de Manaus. Na respectiva fotografia do grafite de autoria do artista visual Alessandro Hipz, destaca-se a arte de uma mulher indígena, levando a imponência dos povos originários que se encontram à mercê da sociedade, sofrendo preconceitos por seus costumes e modos de viver perante a vida urbana. A questão da marginalização é uma das principais características da cultura *underground*. Para Maia (2014), os artistas *undergrounds* buscam se diferenciar das características do *mainstream*, como forma de legitimação de suas práticas culturais. O grafite em evidência na imagem acima caracteriza-se diretamente como um modo desse grupo social expressar a sua participação no ambiente urbano sem compor o meio de consumo da indústria cultural.

A artes expostas são uma forma de expressão dos grafiteiros, possuindo o intuito de abordar suas questões simbólica e imagética, sendo relacionadas principalmente às suas vivências e experiências pessoais ou como membros da sociedade, buscando como objetivo atingir o público para o qual são dirigidas as suas mensagens, sejam convencionais ou de folk (BELTRÃO, 1980, p. 103). Dessa forma, cada artista grafiteiro procura expressar diferentes maneiras de sua vivência no ambiente urbano, buscando a conscientização para a construção de uma vida humanitária, uma fonte de cultura e conhecimento para esta categoria da sociedade de um modo geral, aliando arte e comunicação num espaço comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender como o grafite é utilizado como expressão folkcomunicação de resistência e expressão de grupos marginalizados em Manaus. Portanto, ao relacionar as ideias de Luiz Beltrão (1980) sobre folkcomunicação com as contribuições de autores como Maia (2014), a análise da pesquisa mostra como o grafite se torna uma maneira única de se comunicar e expressar a identidade de quem está fora do mainstream, muitas vezes sem espaço nos meios de comunicação tradicionais.

Portanto, a proposta é olhar para o grafite não só como arte urbana, mas como um meio simbólico de comunicação dentro das periferias de Manaus. Ao usar os muros da cidade como pontos de resistência, essa forma de arte reforça a cultura underground e tem papel fundamental no ativismo político. Enfim, esse estudo expande o entendimento sobre o grafite, e lança luz sobre como ele é um canal importante para os grupos marginalizados.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. **Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural**. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 1, 2011, p. 6-7.

BALDIN, Vitória Paschoal; CHEREM, Youssef Alvarenga. **Ativismo, resistência e mudança social na prática e nas expressões do grafite**. *Revista Galo*, Ano 1, nº 2, Parnamirim, jul./dez. 2020, p. 205-220.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Paulinas, 1980.

BELTRÃO, Luiz. A comunicação dos marginalizados. In: GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José (Org.). **Folkcomunicação: a mídia dos excluídos**. Série Estudos. Rio de Janeiro: Unesco/Metodista, 2007. p. 43.

BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea Christine Kauer. **Arte, grafite e o espaço urbano**. PALÍNDROMO, Florianópolis, n. 8, 2012. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, CEART/UDESC. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175234604082012146>. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/2179>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CASTRO, Andrea Carolina Camargo; GAMBA JUNIOR, Nilton Gonçalves. **O grafite e sua ressignificação: linha tênue entre o vandalismo e a arte de rua**. *Projética*, Londrina, v. 9, n. 2, supl., p. 299-318, nov. 2018. DOI: 10.5433/2236-2207.2018v9n2suplp299.

INDÍGENA DE SÃO GABRIEL INSPIRA GRAFITE GIGANTE EM PRÉDIO NO CENTRO DE MANAUS. Amazonas Atual. Disponível em:

<https://amazonasatual.com.br/indigena-de-sao-gabriel-inspira-grafite-gigante-em-predio-no-centro-de-manaus/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MAIA, Andréa Karinne Albuquerque. **Aproximações entre a cultura underground e os grupos culturalmente marginalizados da Folkcomunicação**. Revista Comunicação & Educação, Ponta Grossa, v. 12, n. 26, p. 35-46, set. 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18932>. Acesso em: 11 abr. 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013

KHOURY, Yara Aun. **Subcomandante**: da cultura underground à cultura de resistência. Projeto História, São Paulo, n. 22, p. 277, jun. 2001.